

ICMBio

Edição especial – Ano 12 – 9 de março de 2020

em foco

A volta para casa da ararinha-azul

Festa na Caatinga: Curaçá
recebe as ararinhas-azuis de
braços abertos

Conheça o Centro de
Reintrodução e Reprodução
das Ararinhas-Azuis

Acompanhe todo o processo de reintrodução
da espécie no site

devoltapracasa.icmbio.gov.br



ICMBio
INSTITUTO CHICO MENDES
MMA

Cinquenta e duas ararinhas-azuis chegaram ao Aeroporto de Petrolina

Enfim, a joia da caatinga retorna ao lar

O dia 3 de março foi um dia histórico para a comunidade do pequeno município de Curaçá (BA). Neste dia, cinquenta e dois exemplares de ararinha-azul (*Cyanopsitta spixii*) retornaram ao seu lar: a caatinga baiana. As aves vieram da Alemanha, por meio da organização não-governamental alemã Association for the Conservation of Threatened Parrots (ACTP) que, em parceria com o Governo Federal (representado pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade e Ministério do Meio Ambiente), repatriou as aves para o Brasil.

As aves chegaram em dois voos fretados vindo da Alemanha e desembarcaram em Petrolina (PE). Lá elas foram recepcionadas por servidores do ICMBio e parceiros, além do Ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Enquanto as aves seguiam para o criadouro situado em Curaçá, as autoridades presentes, como o Ministro do Meio Ambiente; o presidente do ICMBio, Homero Cerqueira; o presidente da ACTP, Martin Guth; e o proprietário da Pairi Daizi, Eric Domb, concederam entrevista coletiva à imprensa.

“A data de hoje representa um marco importante. Nós chegamos a essa situação de quase extinção por causa de atitudes indevidas, seja de quem praticou, seja de quem deixou praticar esses atos que levaram à quase extinção da espécie, portanto a educação ambiental desenvolve um papel fundamental”, declarou Salles.

“Hoje nós encerramos apenas uma etapa deste longo processo de conservação da ararinha-azul. Agora, o nosso próximo objetivo é que essas aves se adaptem da melhor maneira possível para que possam ser soltas na natureza novamente”, disse o presidente do ICMBio, Homero Cerqueira.

A repatriação é uma das ações previstas pelo Plano de Ação Nacional (PAN) Ararinhas-azuis, que está em seu segundo ciclo. Ainda neste ciclo

está prevista a soltura branda das ararinhas-azuis, que deve ocorrer em 2021. Com isso, haverá esforços para aumentar a população não somente em cativeiro, mas também o número de aves nascidas livres.

QUARENTENA

A próxima etapa será a quarentena das aves no Centro de Soltura da Ararinha-azul, construído pelas organizações parceiras especialmente para receber, proteger e reintroduzir as aves. O Centro está localizado no Refúgio de Vida Silvestre Ararinha-azul, e foi criado em 2018, com área de 30 hectares. A quarentena, que durará 21 dias, é um período de observação para verificar e garantir a saúde das aves. O analista ambiental do ICMBio, Ugo Vercillo, explica que qualquer transferência de um animal traz risco de saúde sanitária, pois eles trazem potenciais patógenos de um lugar para o outro. Por causa de uma questão de segurança, apenas um número muito restrito de pessoas poderá ter contato com as ararinhas-azuis.

Após a quarentena, a equipe de especialistas começa a etapa de adaptação. Como sempre viveram em cativeiro, as ararinhas-azuis vão passar por um período de “testes”. No Centro, as aves vão aprender e desenvolver habilidades básicas para que possam sobreviver sozinhas. Inicialmente, suas aves-irmãs, as maracanãs, devem ser soltas juntas a um grupo inicial de ararinhas-azuis para que estas possam aprender com as maracanãs a como sobreviver na natureza.

Não se via uma ararinha-azul pelos céus do sertão nordestino desde 2000, quando o último espécime, um macho, desapareceu. Desde a década de 80, são feitos esforços para conservar a espécie, focados especialmente na última população selvagem conhecida, que residia nos arredores de Curaçá.

Biossegurança é essencial no processo de repatriação das ararinhas-azuis

Um dos passos mais importantes do repatriação das aves é o período de quarentena no Centro de Soltura da Ararinha-azul, localizado no Refúgio de Vida Silvestre da Ararinha-azul, unidade de conservação criada no ano passado, em Curaçá, na Bahia, especialmente para receber as aves.

O Brasil é um dos maiores exportadores de aves do mundo e possui um Programa de Sanidade Avícola que restringe a entrada de aves no Brasil para evitar a disseminação de doenças para o frango e galinhas poedeiras, além de outras criações comerciais, como de perus e faisões. O país também é detentor de uma megadiversidade, sendo um dos países com maior número de espécies de aves no mundo, sendo reconhecidas 1919 espécies até 2015. Portanto, qualquer importação de ave para o território nacional demanda um esforço de técnicos e especialistas para não trazer doenças e patógenos exóticos ao país. O caso da reintrodução da ararinha-azul na Caatinga do Nordeste não foge à regra e todos os cuidados serão tomados, uma vez que as aves vieram da Alemanha. Muito pelo contrário, o controle de entrada destes animais é muito mais rígido, considerando que a espécie será reintroduzida na natureza. Esta é uma forma de mitigar impactos nas populações residentes.

“Qualquer transferência de um animal traz risco de saúde sanitária. Todo animal carrega consigo potenciais patógenos e quando ocorre um transporte, ocorre o risco de transportar patógenos de um lugar para o outro, por isso é necessário que as aves fiquem em quarentena, aumentando a biossegurança de toda a operação”, explica o analista ambiental do ICMBio, Ugo Vercillo.



Exames médicos são fundamentais para detectar possíveis patógenos

Segundo o especialista, há apenas um quarentenário de aves no Brasil, em São Paulo, mas o ICMBio conseguiu, junto ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), autorização para que o Centro de Reintrodução e Reprodução da Ararinha-azul fosse autorizado a realizar a quarentena nesta operação. “O centro de reprodução que foi construído pela ACTP e parceiros servirá de quarentenário especial, específico para esse transporte das ararinhas-azuis”, conta Ugo. “O quarentenário de São Paulo não suportaria

as 50 aves e a autorização do MAPA foi fundamental para que a ação continuasse como previsto.”

Além disso, as zoonoses, doenças transmissíveis entre os animais e o homem e vice-versa, são uma importante ameaça à saúde pública. Desde o início do século passado, unidades responsáveis pela execução das atividades de controle de zoonoses vêm sendo estruturadas no Brasil e o controle, com o passar dos anos, tornou-se cada vez mais rígido. Portanto,

todos os patógenos importantes na saúde das aves e dos seres humanos, que podem ser transmitidos ao ser humano, serão alvo de avaliação e monitoramento na chegada das ararinhas-azuis no país.

Após a quarentena, quando todos os exames necessários forem feitos, as ararinhas-azuis poderão, enfim, iniciar o período de adaptação no viveiro antes de serem soltas e baterem as asas mais uma vez em seu habitat natural.

O último voo de uma ararinha-azul

A ararinha-azul é uma espécie exclusiva da Caatinga, especificamente do Sertão do São Francisco, onde fica o município de Curaçá (BA).

Este belo pássaro de cor azul claro foi descrito pela primeira vez pelo naturalista alemão Johann Baptist von Spix, em 1819. Foi de Spix que veio o nome científico da espécie, *Cyanopsitta spixxi*. A ararinha-azul é um psitacídeo, nome da família que abarca papagaios, periquitos e araras. Em 1832, foi descrita para ciência por Johann Wagler.

Características marcantes desta família de aves são o carisma, a curiosidade, a inteligência, e claro, a beleza de sua penugem. Ainda no século XIX, exemplares da ave eram levados para fora do país e dados como presentes.

Por isso, o tráfico foi um dos grandes inimigos da ararinha-azul ao longo dos tempos. No entanto, os poucos estudos sobre a ave revelam que sua distribuição é bem restrita. "A espécie tem uma característica que é dela, a de não ser abundante. Nos relatos buscados junto à comunidade, registrou-se que nunca houve grupos muito grandes", conta o analista ambiental do ICMBio, Ugo Vercillo. De acordo com Ugo, o animal tem hábitos muito específicos, como a construção de ninhos em árvores conhecidas como Caraibeira, que ficam em mata ciliar.

Outra grande ameaça à ararinha-azul foi a destruição do habitat. Como as aves viviam em regiões de mata ciliar, a crescente colonização da região do Rio Francisco, que durou mais de três séculos, restringiu cada vez mais o território deste pássaro azul. Mais de cem anos de queima intensiva, corte de madeira e sobrepastoreio ocorreram antes mesmo que von Spix viajasse pela região.

Em meados da década de 80, foram impulsionados estudos para a conservação da espécie. No entanto, as ararinhas-azuis já estavam à beira da extinção na natureza: em 1986, havia apenas um único grupo formado por três aves.

Com base nos últimos indivíduos e nos relatos de moradores da região, foram elaborados os poucos estudos da ararinha-azul na natureza. Verificou-se, por exemplo, que a alimentação das aves obedecia à dinâmica ambiental na Caatinga, com as variações climáticas exercendo influência na água e comida. As aves faziam deslocamentos sazonais restritos, visto que o Rio São Francisco era a única fonte de água. Os últimos espécimes se alimentavam de pinhão (*Jatropha mollissima*), favela (*Cnidocolus phyllacanthus*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), baraúna (*Schinopsis brasiliensis*),

imburana (*Commiphora leptophloeos*) e facheiro (*Pilosocereus piauhiensis*), além de enxerto (*Phoradendron* sp.), caraibeira (*Tabebuia aurea*), angico (*Anadenanthera macrocarpa*), umbu (*Spondias tuberosa*), unha-de-gato (*Acacia paniculata*), pau-de-colher (*Maytenus rigida*) e marizeiro (*Geoffroea spinosa*).

O grupo também deu uma noção para que os estudiosos estabelecessem um habitat histórico. O lar das ararinhas-azuis foi estabelecido na região dos riachos Barra Grande-Melancia. Outros locais como o Riacho da Vargem, Riacho Macureré, a margem do Rio São Francisco (na época da seca) e o Riacho da Brígida foram caracterizados como habitat por apresentarem vestígios de ocupação da espécie.

Entretanto, por causa do número reduzido, não é possível apontar com precisão e detalhamento sobre certos aspectos da ararinha-azul, como, por exemplo, sua dinâmica reprodutiva quando estão em vida livre. Mesmo com o número cada vez mais reduzido de aves na natureza, a cobiça dos traficantes de animais não era saciada: até mesmo as ninhadas do último par reprodutivo de ararinhas-azuis foram retiradas.

A última ararinha-azul era um macho. Ele foi filmado por uma equipe de biólogos em meados de 1990. Na ocasião, o macho vivia com um grupo de maracanãs, uma espécie de psitacídeo

aparentado com as ararinhas-azuis e que possui alguns hábitos semelhantes, como a estação reprodutiva. O macho chegou até mesmo a formar um par com uma fêmea de maracanã. Porém, isso ocorreu porque não havia uma fêmea de sua espécie disponível para reprodução. Além do único macho livre na natureza, naquela época, havia mais 17 ararinhas-azuis em cativeiro.

Em 1995, uma fêmea obtida por um criadouro em 1987, foi selecionada e treinada para a vida livre. No dia 17 de março, ela foi solta na natureza para, quem sabe, pairar com o macho que até então vivia em companhia da fêmea de maracanã. Em maio, houve esse encontro e o casal permaneceu junto até, aproximadamente, 15 de junho daquele ano. Em 1999, um morador alegou que à época teria encontrado o corpo da fêmea junto a uma linha de transmissão, mas a falta de vestígios da carcaça fez com que a informação não pudesse ser confirmada.

Apesar de todos os esforços de conservação, em outubro de 2000, esta ave desapareceu. A causa de sua possível morte, que coincidiu com um período de seca, não pôde ser determinada.

Ainda que a ararinha-azul tenha desaparecido há pelo menos 20 anos, sua beleza ainda permanece na memória dos mais antigos. Seu Raimundo José de Leitão, morador da



comunidade Pau de Colher, lembra dos tempos que a ararinha-azul ainda voava pelo sertão. “Ela era um passarinho bonito, azulzinha, voando por todo lugar: dentro dos ocos das árvores, comendo favela, pinhão...”. Dona Josefa Leitão, também moradora da mesma comunidade, lembra que todas as tardes, um grupo de cinco a oito aves comia sementes nas fazendas próximas.

“Não víamos uma só não, eram várias as ararinhas que voavam e cantavam por aqui. Elas faziam ninho nas caraibeiras, no oco das árvores”, relata Josefa. “Depois ficamos sabendo que alguém estava tirando os filhotes, as aves foram ficando poucas. No fim, a gente só via duas por aqui. Não demorou para ficar uma só e depois disso sumiu.”

Dona Josefa já imagina rever no céu de Curaçá uma imagem que era costumeira: a passagem das ararinhas-azuis entre o ponto usado como dormitório e os locais de alimentação. “Ah, dá muita saudade de ver a ‘nuvem’ delas passando pelo céu. Elas vinham para comer e depois voltavam para onde elas dormiam”, lembra.

Agora, a chegada das ararinhas-azuis é celebrada por toda a comunidade de Curaçá, especialmente de quem cresceu ouvindo como o pássaro de belas cores azuis encantava a Caatinga. “Tenho 21 anos e eu não cheguei a avistar. Eu ouço a história das pessoas mais velhas e isso me emociona, as pessoas falando que ouviam bandos, que ouviam vocalizações, que ouviam a festa que elas faziam. A chegada das ararinhas e a chance de poder ver isto novamente é um sonho”, conta a voluntária do Projeto Ararinha-azul, Mércia Milena.



A árvore caraibeira é o local favorito das ararinhas-azuis para construir ninhos



Festa na Caatinga: Curaçá recebe as ararinhas-azuis de braços abertos

A volta da ararinha-azul foi uma oportunidade para Curaçá entrar em festa. Depois de 20 anos, a espécie retornava ao lar e, em breve, a ararinha-azul deixará de ser um personagem da história dos anciões.

Enquanto as aves foram para o Centro de Criação das ararinhas-azuis, no Refúgio de Vida Silvestre de Curaçá, a comunidade iniciava as celebrações para a recepção da filha ilustre. A recém-chegada não podia estar presente: medidas sanitárias obrigam as ararinhas-azuis a ficarem em quarentena. Além disso, o fluxo de pessoas poderia estressar ainda mais o animal.

Um evento organizado pela Prefeitura reuniu os curaçaenses no dia 3 de março. O prefeito da cidade, Pedro Oliveira, deu as boas vindas oficiais aos animais. Os parceiros envolvidos no Projeto, como a ACTP e o Zoológico

belga Pairi Daiza, também aproveitaram a oportunidade para agradecer a comunidade e reforçar a parceria com os curaçaenses em prol da conservação da ararinha-azul.

“Recebemos da Alemanha as 52 ararinhas-azuis, que foram cuidadas por eles com muito carinho. A partir de agora, está em nossas mãos a conservação da ararinha-azul e vamos garantir que vamos cuidar com mais carinho ainda delas”, disse o presidente do ICMBio, Homero Cerqueira, em seu discurso de agradecimento.

Posteriormente, houve várias apresentações culturais feitas pelos cidadãos curaçaenses. Um coral da cidade formado por crianças cantou a música Brincadeira de Arara, de autoria do músico Fernandinho, que fez o acompanhamento instrumental. Depois, uma grande festa no centro da cidade embalou o dia histórico para a cidade de Curaçá.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental é um dos principais pilares que envolve o projeto de trazer as ararinhas de volta. Neste sentido, Curaçá tem recebido apoio dos parceiros para sensibilizar sua população sobre a importância de se ter a ararinha-azul na região.

De acordo com o prefeito Pedro Oliveira, a presença da ave vai abrir as portas de Curaçá ao mundo, já que a ararinha-azul deve movimentar o turismo na região.

“Para isso precisamos nos capacitar e sensibilizar a população sobre os ganhos que todos podemos ter com a ararinha-azul aqui, como o turismo de observação de aves que atrai pessoas de todo o mundo”, avaliou.

“As ações são importantes no combate ao tráfico de animais. Acredito que podemos construir a conscientização das crianças e consolidar a conscientização ambiental na população de

Curaçá, pois os animais são mais importantes na natureza que presos”, disse o presidente do ICMBio, Homero Cerqueira.

No dia 04, os parceiros do projeto, dentre eles o ICMBio, participaram de uma cerimônia na Escola Municipal Chapeuzinho Vermelho. Foram entregues às crianças uniformes e livros didáticos temáticos. A ararinha-azul agora vai estar presente na vida escolar dos curaçaenses. A rede de ensino tem cerca de 7,5 mil estudantes matriculados.

Os professores foram preparados durante o processo de formação continuada para aplicar o conteúdo em sala de aula e implementar o referencial curricular municipal.

“Enquanto educadores, o nosso papel é de fazer com que os nossos alunos compreendam esta ideia e resgatar esse sentimento de pertencimento que foi perdido nas duas décadas de extinção desta rara ave que é só daqui da região”, declara o secretário municipal de Educação de Curaçá, Daniel Torres. Ele também destaca que as crianças vão agir como multiplicadoras do conteúdo.

O educador Victor Flores também acredita na educação ambiental como base do sucesso de reintrodução das ararinhas-azuis. “A gente precisa incentivar e fomentar para que possamos prosperar e valorizar a caatinga para despertar o sentimento de pertencimento através de brincadeiras, jogos e músicas”. Flores desenvolve um projeto cultural voltado às crianças e adolescentes sobre a ave, na qual a personagem principal é Tita.

Ele também acredita que a chegada da ararinha-azul tem suma importância na vida cultural e artística da região. “Eu acredito que é um momento para trazer novos artistas, fomentar a cultura e envolver os artistas neste processo”, diz Flores.

“A partir de hoje, a responsabilidade é nossa. Curaçá quer mostrar que é possível fazer diferente. Foi aqui que anteriormente a ararinha-azul desapareceu. Agora queremos fazer o caminho inverso, que é o de receber e multiplicar a presença da ararinha-azul aqui”, conclui Torres.

Bruno Bimbato



Vista aérea da comemoração de chegada das ararinhas-azuis



Conheça o Centro de Reintrodução e Reprodução das Ararinhas-azuis

A última casa das ararinhas-azuis antes de serem reintegradas à natureza será um Centro de Reintrodução e Reprodução construído na região de Curaçá, na Bahia. As 52 aves viveram por toda a vida em cativeiros na Alemanha e no Qatar, e precisam não somente se aclimatar à Caatinga nordestina antes de ganharem o céu da região, como também devem aprender a se alimentar, se reproduzir e sobreviver à predação.

As aves chegaram ao Brasil, mas só devem ser soltas em 2021, como explica Camile Lugarini, analista ambiental do Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (Cemave).

O Centro conta com 3 tipos de recinto: 16 recintos pequenos (4m x 10,5m) para aclimação e reprodução; 2 recintos médios (10m x 14m) para interação entre as aves; e 1 recinto grande (15m x 23,4m) para treinamento e soltura.

“O recinto de soltura é enorme e será construído em cima da Caatinga, ou seja, com a

Caatinga dentro. As aves vão precisar de um período de aclimação, então a soltura deve ocorrer aos poucos”, ressalta Lugarini. “Primeiro elas vão aprender a viver no ambiente selvagem, aprender a ficar alerta com os predadores, que na região são aves de rapina, a se alimentar, enfim, um passo de cada vez.”

Vale lembrar que o local não é um zoológico, portanto, visitas não estão previstas ao público. No entanto, a ACTP trabalha com a estruturação de um Programa de Voluntariado. “A ideia é fazer um Programa aos moldes do criadouro da Al Wabra, do Qatar, para receber voluntários brasileiros, é claro, mas também de outros países”, explica o responsável pelo Centro, Cromwell Purchase.

SOLTURA BRANDA

Reintroduzir ao estado selvagem animais nascidos em cativeiro é um processo longo e difícil. Os animais, não importa de que espécie



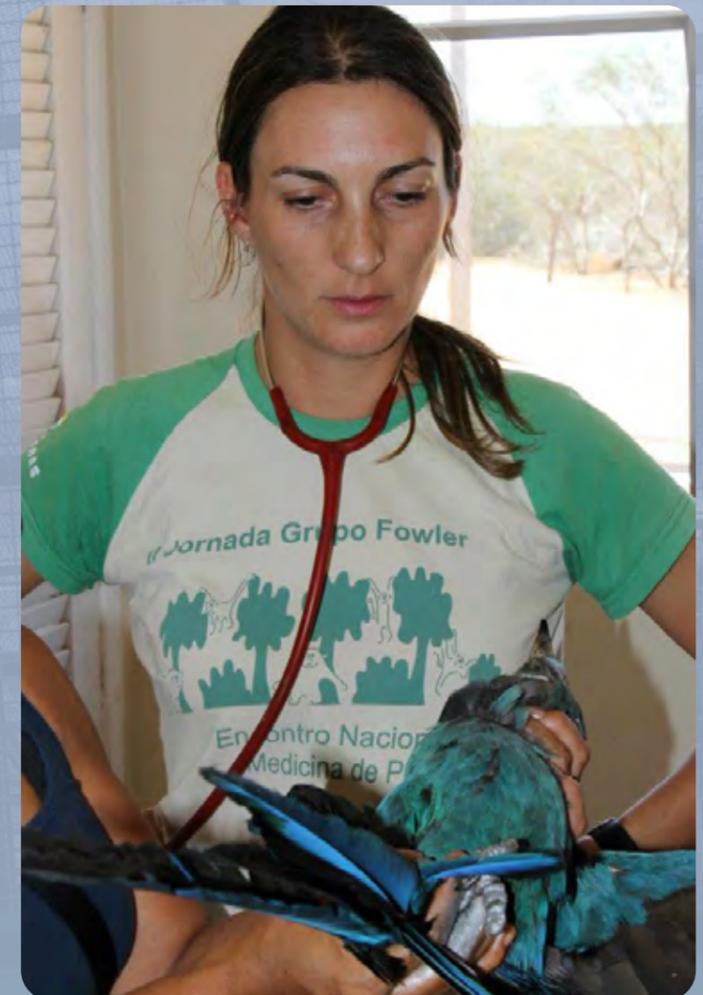
Acervo ICMBio

Centro de Reintrodução tem 16 recintos pequenos e área de treinamento, além de berçário para os filhotes

sejam, têm que ser preparados para ganhar liberdade progressivamente, por etapas. Por isso, o recinto foi dividido em diversos tamanhos, como conta Ugo Vercillo, analista ambiental da Coordenação de Ações Integradas para Conservação de Espécies do ICMBio.

“São gaiolas menores, dentro de gaiolas maiores, dentro de gaiolas maiores ainda. As portas de cada seção vão ser abertas com o passar do tempo, ampliando a área para a ararinha. Isso até que ela chegue ao último estágio, que é a parte mais ampla do recinto. Quando ela estiver pronta, essa última porta será aberta para que ela possa voar e repovoar a Caatinga”, explica Ugo.

A última porta do recinto ainda permanecerá aberta por um tempo para que as ararinhas-azuis possam voltar caso não se sintam completamente seguras. “Isso pode acontecer nas primeiras semanas, mas a ideia é que elas possam se integrar à natureza e não voltar mais”, aponta Camile. “Também teremos alguns comedouros próximos ao recinto para que as aves possam se alimentar nesse período de adaptação, quando estarão procurando o próprio alimento na região.”



Camile Lugarini médica veterinária e analista ambiental do ICMBio





Soltura deve ocorrer em 2021

Falta muito pouco para que o céu de Curaçá ganhe mais alguns tons de azul. Com a chegada das aves, será dado início o processo de aclimação e depois a tão esperada soltura, que é o passo mais delicado do processo, já que todas elas nasceram em cativeiro e não estão acostumadas com ambiente, clima, onde procurar comida, fazer ninhos ou desviar de predadores.

“Estamos trabalhando com um projeto de captura de aves Maracanã que vão formar grupo com essas ararinhas-azuis. A primeira soltura terá dez ararinhas-azuis e outras dez maracanãs capturadas na natureza”, explica Camile Lugarini. “As maracanãs ainda vivem na região, são psitacídeos, a mesma família da ararinha, e têm os mesmos hábitos, tanto alimentares quanto de dormitório. Elas vão ajudar as ararinhas a escolher os melhores locais para dormir, descansar, reproduzir e se alimentar.”

Lugarini conta que essa primeira soltura deve ocorrer no primeiro ano, após a adaptação das aves em um gigantesco recinto construído em

meio à Caatinga. Como a reintrodução da espécie é uma ação inédita, não é possível ter certeza do resultado, então todas as experiências de reintrodução de psitacídeos que já foram feitas estão sendo levadas em conta, como por exemplo a dos papagaios-do-peito-roxo, no Parque Nacional das Araucárias, no Paraná.

O ideal é que essa primeira soltura seja bem branda, para que no primeiro ano possamos manter as ararinhas-azuis o mais próximo possível do local de soltura, que é uma área com mais restrição e com menos gente tendo acesso”, ressalta Camile, que também é a coordenadora do PAN. “Por isso vão ser implantados comedouros que serão abastecidos diariamente para que elas sejam fiéis a esses locais e a gente consiga contar quantos animais permaneceram e quantos animais saíram dali.”

Ainda segundo Camile, a soltura das aves deve ser aos poucos, com bastante cuidado e delicadeza para que as perdas sejam minimizadas. “Vamos trabalhar para mitigar todos os

riscos, pois sabemos que a reintrodução é um processo difícil no qual há chance de morte de indivíduos”

Ugo Vercillo, analista ambiental da Coordenação de Ações Integradas para Conservação de Espécies do ICMBio e também integrante do projeto, conta que a segunda leva de ararinhas só deve ser solta na natureza cerca de seis meses depois do primeiro grupo.

“O primeiro grupo será aquele com as maracanãs, aves nativas que devem mostrar a área ao recém-chegados. No semestre seguinte, esperamos soltar o segundo grupo de ararinhas, dessa vez com 20 indivíduos. O objetivo é que essas 20 aves encontrem as outras dez ararinhas já estabelecidas no habitat”, explica Ugo.

Apenas soltar aves criadas em cativeiro não garante o reestabelecimento da espécie na natureza. A equipe de especialistas do ICMBio espera que as ararinhas-azuis façam seus ninhos

na Área de Preservação Ambiental demarcada para elas, mas vai ajudar no crescimento populacional das aves por meio de reprodução controlada.

Alguns dos animais vindos do exterior ficarão no Centro de Reprodução, como explica Ugo. “A terceira fase do cronograma de soltura já será com animais que nasceram no Centro de Reprodução, entre este ano e 2021. Além disso, firmamos um acordo com os mantenedores dos animais no Brasil e no exterior para que todos os criadouros enviem 70% dos filhotes que nascerem todos os anos. A ideia é que as ararinhas venham da Alemanha e da Bélgica, além de fazenda de Cachoeira, em Minas Gerais, para que possamos sempre fazer a reintrodução de animais no ambiente natural. Isso até que a gente veja que a população está estável, está se reproduzindo e que de fato não precise mais da ajuda do homem”, destaca o biólogo.

Soltura ocorrerá de forma branda para melhor adaptação das aves



Soltura ocorrerá de forma branda para melhor adaptação das aves

Bastidores da recepção

Bruno Bimbato





ICMBio em Foco

Revista eletrônica

Edição

Ramilla Rodrigues

Projeto Gráfico

Bruno Bimbato

Narayanne Miranda

Diagramação

Marília Ferreira

Revisão de Texto

Marjoire de Carvalho Malaquias

Chefe da Divisão de Comunicação

Marjoire de Carvalho Malaquias

Foto da Capa

Acervo ACTP

Colaboraram nesta edição

Carolina Alvite – CNPT; Eduardo Almeida – APA Costa dos Corais; Fernando Repinaldo – Parna Marinho de Abruços; Josângela Jesus – Parna do Jaú; Juliana Barreto – APA Costa dos Corais; Matheus Lopes – CMA; Patrick Jacob – Resex Mãe Grande de Curuçá; Ugo Eichler Vercillo – CGCON/DIBIO; Camile Lugarini – CEMAVE

Divisão de Comunicação - DCOM

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Complexo Administrativo Sudoeste - EQSW 103/104 - Bloco C - 1º andar - CEP: 70670-350 - Brasília/DF Fone +55 (61) 2028-9280 comunicacao@icmbio.gov.br - www.icmbio.gov.br



@icmbio



facebook.com/icmbio



youtube.com/canalicmbio



@icmbio



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL